



FEDRO

PLATÃO (*c. 427-347 a.C.*), ao lado de Sócrates e de Aristóteles, lançou as bases de toda a tradição intelectual do Ocidente. Nasceu em uma família que, por muitas gerações, teve posição de destaque na política ateniense. Seria natural que o pensador tivesse seguido o mesmo caminho, mas ele declinou da posição, indignado com a violência e a corrupção da vida política de Atenas. Revoltou-se, sobretudo, com a execução de Sócrates, seu amigo e professor, em 399 a.C. Inspirado pelos questionamentos socráticos sobre a natureza dos princípios éticos, Platão procurou a cura para os males da sociedade não na política, mas na filosofia, e chegou à convicção fundamental de que tais males jamais cessariam a menos que os filósofos se tornassem governantes — ou que os governantes se tornassem filósofos. Em uma data incerta do século IV a.C., fundou a Academia, em Atenas, a primeira instituição permanente devotada à pesquisa e ao ensino da filosofia, protótipo de todas as universidades ocidentais. Empreendeu inúmeras viagens, em especial pela Sicília, como conselheiro político de Dioniso II, governante de Siracusa.

Platão escreveu mais de vinte diálogos filosóficos, e também lhe são atribuídas treze cartas, cuja verdadeira autoria é alvo de acalorada discussão. Sua atividade literária se estendeu por cerca de meio século. Poucos escritores exploraram a prosa grega em toda a sua graça e precisão, sua flexibilidade e seu poder.

MARIA CECÍLIA LEONEL GOMES DOS REIS nasceu em São Paulo em 1956. É professora da Universidade Federal do ABC, com doutorado em filosofia pela Universidade de São Paulo e graduação em artes plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado. É escritora e tradutora, tendo vertido do grego o tratado *De Anima* de Aristóteles, trabalho pelo qual recebeu

menção honrosa no prêmio União Latina de tradução especializada. Publicou em 2008 sua primeira obra de ficção, *O mundo segundo Laura Ni*, romance finalista do prêmio São Paulo de Literatura, e em 2011 a novela *A vida obscena de Anton Blau*, ambos pela Editora 34.

JAMES H. NICHOLS JR. obteve seu ph.D pela Universidade Cornell e é especialista em filosofia política e pensamento político na Grécia e em Roma. Atualmente é pesquisador do Claremont McKenna College, na Califórnia. É autor de numerosos artigos, além de ter organizado e traduzido diversos livros de filosofia.

PLATÃO

Fedro

Tradução do grego, apresentação e notas de
MARIA CECÍLIA GOMES DOS REIS

Introdução de
JAMES H. NICHOLS JR.



Introdução de *Fedro*, de Platão:
“Retórica, filosofia e política”, de James H. Nichols Jr.

Copyright © 1998 by Cornell University

Uso com permissão do editor, Cornell University Press

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Φαῖδρος

TRADUÇÃO DA INTRODUÇÃO

Lavínia Fávero

PREPARAÇÃO

Alexandre Boide

REVISÃO

Carmen T. S. Costa
Huendel Viana

MAPA

Marcelo Girard

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Platão

Fedro / Platão; tradução do grego, apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis; introdução de James H. Nichols Jr. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-8285-025-1

1. Filosofia antiga 1. Reis, Maria Cecília Gomes dos
II. Título.
15-08980

CDD-184

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia platônica 184
2. Platão : Filosofia 184

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação — Maria Cecília Gomes dos Reis	9
Introdução — James H. Nichols Jr.	37
 FEDRO	
<i>Sumário analítico</i>	145
<i>Notas e comentários ao texto</i>	153
<i>Referências bibliográficas</i>	239

Fedro

PERSONAGENS: SÓCRATES E FEDRO

[Prólogo à margem do Ilíssos 227a-230e]*

- 227a SÓCRATES: Para onde vais, meu caro Fedro, e de onde vens?
FEDRO: Venho da companhia de Lísias, filho de Céfalo, ó Sócrates, e vou caminhar pelas alamedas, fora dos muros. Estive o tempo todo sentado, desde manhã bem cedo, e, seguindo os conselhos de nosso amigo Acúmeno, faço caminhadas pelas estradas a céu aberto, pois ele diz que são mais revigorantes do que aquelas feitas nos pórticos.
- b SÓCRATES: E diz isso com razão, meu amigo. Mas então, ao que parece, Lísias esteve na cidade.
FEDRO: Sim, na casa de Epícrates, em que vivia Mórico, perto do templo de Zeus Olímpico.
SÓCRATES: E pode-se saber qual foi o passatempo? Garanto que Lísias recebeu-os para um festim de discursos, não foi?
FEDRO: Contarei, se o ócio permitir que me acompanhes e ouças.
- SÓCRATES: O quê? Não pressentes que, como Píndaro, “uma ocupação superior aos negócios” teria eu ao ouvir o teu passatempo com Lísias?
- c FEDRO: Vamos, então.
SÓCRATES: Conta.
FEDRO: Tanto mais, Sócrates, que é algo conveniente aos teus ouvidos. Pois o tema do discurso com o que passáva-

* Esta edição optou por dividir o texto em intertítulos para facilitar a leitura e a análise da obra de Platão. (N. E.)

mos o tempo, não sei por que meio, era o amor [eróticos].

Lísias, de fato, descreveu a tentativa dirigida a um dos belos

d jovens, mas não por parte de um homem tomado de amor, e nisso mesmo está a sutileza; pois diz que se deve agraciar com favores aquele que não está apaixonado em detrimento de quem o esteja.

SÓCRATES: Que nobre! Quisera houvesse escrito que é preciso se entregar ao pobre antes que ao rico, ou ao velho antes que ao jovem, e tudo o mais que se associa a mim e à maioria de nós; pois os argumentos seriam então corteses e urbanos. De minha parte, contudo, tão persuadido de ouvir estou que, se fizeres andando o caminho até os muros de Mégara — ida e volta de acordo com Heródico —, nem assim me afastaria de ti.

228a FEDRO: Mas como, excelente Sócrates? Supões que aquilo que compôs Lísias — o mais terrivelmente talentoso dos escritores de agora — em tanto tempo de ócio, eu, um leigo, de memória poderia declamar sem desmerecê-lo? Longe disso! Todavia eu o desejaria mais do que obter muito ouro.

SÓCRATES: Ó Fedro, se Fedro eu não conhecesse, é que de mim mesmo já estaria esquecido. E nem uma coisa, nem outra: bem sei que de Lísias o discurso ouvindo, ele não o ouviu apenas uma, mas incitou-o a falar retomando muitas

b vezes — no que foi avidamente obedecido. Porém nem isso para ele era suficiente e, tomando-lhe o manuscrito, ei-lo por fim a repassar os olhos pelas partes mais desejadas, e fazendo isso sentado desde cedo, cansado ia para uma caminhada, conhecendo já perfeitamente o discurso — como suponho e juro, pelo cão, se não for um longo demais. E passava dos muros a fim de praticá-lo. Mas, ao topar com alguém doente por récitas de discursos, vendo-o, sim, vendendo-o, deleitou-se por ter um companheiro coribântico e convidou-o a prosseguirem. E, instado a falar pelo amante de

c discursos, negaceou como se não lhe apetecesse falar, mas agora está a ponto de proferi-lo nem que seja à força, caso não tenha quem o queira ouvir. Tu portanto, Fedro, insiste

junto dele para que faça já o que rápido fará de um modo ou de outro.

FEDRO: Sinceramente, o melhor para mim é falar então, como for possível. Pois parece que de fato tu não me largarás por nada, enquanto eu não expuser algo, de uma maneira ou de outra.

SÓCRATES: E o que te parece é bastante verdadeiro.

d FEDRO: Todavia farei deste modo. Pois, de fato, Sócrates, por certo não o aprendi palavra por palavra, mas apenas o pensamento geral de quase tudo, em que diz como difere o que está apaixonado daquele que não está — e posso dar cabo dos pontos capitais, sucessivamente, a começar pelo primeiro.

SÓCRATES: Mas antes, meu querido, mostra o que tens à esquerda, debaixo do manto. Pois aposto que é o próprio discurso. E, se for esse o caso, a meu respeito pensa no seguinte:

e por mais que eu te estime, estando presente Lísias também, eu mesmo não estarei muito decidido a entregar-me ao teu treino. Mas vamos, mostra.

FEDRO: Basta, Sócrates. Está liquidada a esperança que eu tinha em ti para meu exercício. Mas onde preferes sentar para a leitura?

229a SÓCRATES: Desviamo-nos aqui, seguindo pelas margens do Ilíssio e, tão logo um lugar nos pareça tranquilo, sentamos.

FEDRO: E vê que oportuno: calho estar descalço, como tu sempre vais. De modo que será fácil e nada desconfortável irmos pela água — muito pelo contrário! — nesta época do ano e nesta hora do dia!

SÓCRATES: Vai na frente e escolha também o lugar para nos sentarmos.

FEDRO: Vês aquele plátano alto?

SÓCRATES: Como não?

b FEDRO: Ali há uma sombra, brisa moderada e relva para sentar, ou mesmo deitar se quisermos.

SÓCRATES: Vamos, então.

FEDRO: Diga-me, Sócrates, não teria sido por aqui, conforme se conta, que Bóreas raptou Orítia?

SÓCRATES: É o que dizem.

FEDRO: Neste ponto? A água parece tão pura e transparente! Convidativa, por assim dizer, e mesmo apropriada para meninas brincarem às suas margens.

c SÓCRATES: Não foi exatamente aqui, mas uns dois ou três estádios adiante, onde se cruza para o templo de Agra. Justamente lá, inclusive, foi erguido um altar a Bóreas.

FEDRO: Eu não o sabia ao certo. Mas, por Zeus, Sócrates, tu acreditas que este mito seja verdadeiro?

SÓCRATES: Se eu fosse um incrédulo como os sábios, não seria de estranhar. E poderia inclusive especular, dizendo que um vento boreal arremeteu-a para o pé do rochedo enquanto brincava com Farmaceia e por isso precisamente acabou-se,

d pois ela havia sido raptada por Bóreas — daqui ou do Areópago, pois há também a versão de ter sido raptada de lá. Mas eu, Fedro, pelo contrário, vejo tais explicações como sedutoras porém exigentes, pois demandam da pessoa tanto trabalho e gênio, que a fazem não muito venturosa. E não por outro motivo, mas porque em seguida coloca-se a necessidade de dar forma aceitável aos Hipocentauros, à Quimera, nisso percorrendo toda uma legião de Górgonas e Pégasos que tais, sem

e contar os demais seres extraordinários e ainda as façanhas dessas criaturas. E, mundo de sabedoria tão rudimentar, muitas horas livres dedicará a isso o incrédulo que se impuser a tarefa de ajustar cada imagem, enquanto eu não disponho em absoluto de tempo para fazê-lo. E a razão, meu caro, é simplesmente esta: ainda não fui capaz de conhecer-me a mim

230a mesmo, como recomenda a inscrição de Delfos. E, disso ainda ignorante, parece-me ridículo investigar aquilo que me é alheio. Portanto, não me ocupo de tais coisas — já que estou convencido pela opinião comum —, e investigo a mim mesmo, como disse há pouco, para saber se calho ser uma fera ainda mais complexa e inflada de vaidade do que Tifão, ou um animal mais cativo e simples, com parte por natureza em algum dom divino e sem fumos. Mas a propósito, meu caro, não era esta a árvore para a qual nos encaminhávamos?

b FEDRO: Exato.

SÓCRATES: Por Hera! Que linda paragem para um descanso. O plátano é tão frondoso e alto. E este pé de Agnacasto: que porte e que sombra magnífica! Por estar no auge da floração deve deixar o local ainda mais perfumado. E que graciosa a fonte de água fresca a correr sob o plátano — basta pôr o pé para sentir. Por estas imagens e estatuetas, só pode ser um lugar consagrado a Ninfas e ao Aqueloo. E, se preferires,

c que agradável e sumamente prazerosa a brisa que se respira aqui. Ressoa estival e cristalina, como o coro das cigarras, e o mais refinado de tudo é a relva que sobe suave, o suficiente para quem se deita apoiar naturalmente a cabeça. Que excelente guia de estrangeiros és tu, caro Fedro.

FEDRO: E quanto a ti, admirável amigo, pareces um dos mais deslocados. Pois, do jeito como falas, fazes te passar por um estrangeiro, quando és de fato natural daqui. E isso

d por nunca saíres da cidade cruzando a fronteira, sem jamais te dirigires, ao que vejo, para além dos muros!

SÓCRATES: Perdoa-me, ó valoroso, por ser alguém que gosta de aprender. O campo e as árvores nada têm a ensinar, ao contrário dos homens da cidade. Tu, no entanto, pareces ter descoberto a droga para me fazer pegar a estrada. E, tal como quem quer tocar em frente um animal faminto e por isso aproxima dele um galho de fruta ou legume, também tu estendes para mim discursos em manuscritos, e assim parece que podes me levar por toda a Ática, aonde quiseres. Mas, voltando ao ponto em que estávamos, por mim vou me deitar e, quanto a ti, vê lá qual é a posição mais cômoda e começa de uma vez a leitura.

FEDRO: Ouve então.